









## O "UNIVERSO", SÓ QUE NÃO

Olhe essa imagem. Olhe bem. O homem foi até a lua para que um dia você se sentasse aqui, olhasse essa fotografia e dissesse: - Nossa! Parece a superfície lunar!

No início não havia o nada e nem o verbo, mas sim, uma sequência interminável de montanhas, rochas compactas surgidas pós Big Bang. Há milhares e milhares de anos, muito tempo antes de você estar sentando aqui, essas rochas se transmutaram com a ação da água das chuvas, dos rios, do vento, dando origem errática, inesperada e mágica, ao chão.

Sim, esse solo que agora te encara - de onde viestes e para onde irás -foi se formando sorrateiramente pelo acúmulo de fragmentos de rochas, restos de vegetais e animais - nossos ancestrais incluídos - até se tornar terra. Por algum mistério insondável, essa terra tem a predestinação de germinar, florir, brotar, reciclar.

Olhe mais. Mais atentamente. Esse solo guarda os segredos da humanidade. É o resíduo de tudo e de todos, a acumulação mágica de tempos sobrepostos onde pisamos, plantamos, brincamos, amamos, guerreamos. Olhe. Porque essa imagem parece tão dramática? Veja como são imaculados os brancos dessas "flores" de plástico que você depositou aqui para fazer contraste cromático com a terra.

## UM "OVNI" QUASE QUE

Da terra mãe brota agora uma espécie de cunha alva. Em potência de forma inabalável, irrompe do solo, aponta o céu. Se aproxime, terráqueo. Ao apontar o céu, esse monólito parece clamar pela água que vitaliza, irriga, expande. Um OVNI? Uma maloca? Uma cisterna? Essa espaçonave interestelar sinistra está sempre a rondar nossas incongruências, nossa habilidade frouxa para entender os desígnios da terra, seus ciclos, seus caprichos, a forma como ela se harmoniza na matemática fascinante das órbitas que a tudo regem. Pinte-a de branco

sempre. Quem sabe assim ela atrai nuvens tão brancas quanto ela, na esperança oblíqua de um dia desagüarem sobre nossa sede. Vai, pinte!

## UMA "CAIXA GALÁXIA", PERO CRIOLA

Agora entre aqui e feche a porta. Sem medinho do escuro, vai. Feche a porta. Use o seu grande poder de adaptabilidade a condições insalubres - que você desenvolveu nesses milhares de anos maltratando a si mesmo - para que a retina de seus olhos se adequem a essa luz rarefeita. Tente fechar os olhos por alguns momentos. Sempre tem o perigo, eu sei, de você acabar enxergando a si mesmo. Então não se demore muito. Pronto? Uns pontos de luz surgiram na altura dos seus olhos, certo? Vá até lá. Mire. Ohhhh, vejam isso... Que beleza de asteróide. Uma forma ovalada perfeita encapsulada por uma superfície lisa, tensa, brilhante. Esse outro planeta tem manchas desenhadas como um fractal. Contraste abissal entre a superfície avermelhada e uma espécie de renda branca. Planeta-semente na volúpia desenfreada de irromper, germinar, se expandir, transformar. Esse silêncio surdo em torno de tudo. A gênese do mundo compactada nesse corpo mínimo. O Big Bang, olha ele de novo, está aqui compactado - longe do nosso alcance, ambicionando alcançar o futuro intangível.

## "HAM" + "SOBRE PRIMATAS" + "16'39" E MAIS ALGUNS MILHARES DE ANOS

Perceber como se infiltra de forma sub-repitição nas relações o impulso indomesticável de querer controlar as pulsões do próximo, das coisas e do Planeta. Eis um eixo poderoso que Fernanda Rappa habilmente desdobra a partir da mostra individual Controle - realizada na Galeria Central, em 2012 - para esse 16"39'.

Macacos subjagam macacos. Homens subjagam macacos e homens. É sob o signo infernal da coerção que se assenta grande

parte da história da humanidade, como nos lembra Michel Foucault em *Vigiar e Punir*:

*Não se deveria dizer que a alma é uma ilusão, ou um efeito ideológico, mas afirmar que ela existe, que tem uma realidade, que é produzida permanentemente, em torno, na superfície [e] no interior do corpo, pelo funcionamento de um poder que se exerce sobre os que são punidos – de uma maneira mais geral sobre os que são vigiados, treinados e corrigidos, sobre os loucos, as crianças, os escolares, os colonizados, sobre os que são fixados a um aparelho de produção e controlados durante toda a existência. Realidade histórica dessa alma que, diferentemente da alma representada pela teologia cristã, não nasce faltosa e merecedora de castigo, mas nasce antes de procedimentos de punição, de vigilância, de castigo e de coação.*

O texto de *Controle* (2012), assim pontuava, já citando Foucault:

*(...) implodir ecossistemas, criar sistemas, não enxergar o micro, atenuar o ilícito, usar o progresso como desculpa, comer tudo, glorificar guaritas, edificar egolatrias, ensacar organismos vivos, plastificar texturas, vigiar e punir (...)*

#### UMA "TEIA" NÃO SE TECE SÓ

Um ponto se liga a outro ponto que conecta com outro que dispara na direção de outrem e faz uma rede intrincada assim, complexa assim, tramada assim. Um ponto se liga a outro ponto que conecta com outro que dispara na direção de outrem e faz uma rede intrincada assim, complexa assim, tramada assim.

EDER CHIODETTO

FICHA TÉCNICA | EXPOSIÇÃO

IMPRESSÃO DE FOTOGRAFIAS

ARTMOSPHERE

EXPOGRAFIA

GUILHERME ROSSI

EQUIPE DE MONTAGEM

EZEQUIEL JOSÉ DA SILVA, FRANCISCO SANTOS XAVIER E

MARTIN LANEZAN

ILUMINAÇÃO

ADERALDO ELETRICISTA

COLABORADORES

EDER CHIODETTO E KRZY GUTFRANSKI

#### AGRADECIMENTOS

Seu Dodô, Emanuel Dias, Adriana Galvão Freire, Eder Chiodetto, Marcio Harum, Agnaldo Farias, Wagner Lungov, Krzy Gutfranski, Guilherme Rossi, Carolina Rozin, Claudia Afonso, Vanessa Marcelino, Daniela Brilhante, Felipe Ribenboin, Martim Pelisson, Pierre Fonseca, Ricardo Barcellos, Marina Weis, Alice Bartels, Heloise Gildemeister, Gabriela Boghosian, Paola Wescher, Carlos Dardorian, Andrea Siqueira, Julia Masagão, Alexandra Makowski, Francisca Makowski, Ricardo Reis, Marcio Diegues, Guilherme Cunha, Brigida Campbel, Bruno Vilela, Lilian Fraiji, Isabel Falleiros, Flávia Mielnik, Geoffrey Stone, Janaina Tahira, Augustina Comas, Renato Amoroso, Ale Pelegrino, Tatiana Dalla Bona, Marcio Hashimoto, Ana Maria Lealdini, Fernando, Juliana, Felipe, Renata e Giulia.